

## SEIS CENÁRIOS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

22-08-98

[Para analistas, apenas solução global garante desenvolvimento humano sustentável]

[Análise embute três visões sobre o futuro: convencional, barbárie e grandes transições]

A contradição entre o inevitável imperativo do crescimento econômico e a finitude dos recursos do planeta acabará por se resolver de alguma maneira. Impossível prever, entretanto, se essa solução decorrerá de uma gestão cada vez mais esclarecida do desenvolvimento, de hecatombes provocadas por catástrofes ambientais, ou de alguma outra saída mais difícil de se imaginar. Nada disso pode ser antecipado por duas razões bem singelas. Primeiro porque ainda está engatinhando o conhecimento científico sobre a conexão entre os fenômenos humanos e ecológicos. Segundo, porque esse limitado conhecimento científico já indica a completa indeterminação dos sistemas dinâmicos complexos. Para prazos que devem ser estimados em gerações, em vez de anos ou décadas, de nada valem as projeções do passado recente, por mais argutas que consigam ser.

Essa cegueira sobre as possibilidades futuras de formas sustentáveis de organização social só poderá diminuir com o aperfeiçoamento das metodologias científicas voltadas à montagem de cenários. Contrariamente às projeções e às previsões, que tendem a ser essencialmente quantitativas e a ter poucos pressupostos, os cenários são narrativas lógicas que procuram justamente lidar com as mais prováveis mudanças de rumo. Ao explicitarem visões de mundo alternativas e desafiar as posturas convencionais, os cenários ajudam a identificar problemas que podem estar na penumbra, mas são cruciais para o desenvolvimento humano.

Foi exatamente por isso que o Stockholm Environment Institute atraiu analistas com longa experiência nesse tipo de abordagem para que integrassem o Global Scenario Group. O primeiro relatório desse grupo, intitulado *Branch Points: Global Scenarios and Human Choice*, apresenta seis cenários embutidos em três visões básicas sobre o futuro - convencional, barbárie e grandes transições - cada uma contendo duas variantes.

Além do simples prolongamento do *status quo* que forneceu o cenário I, de referência, o grupo incluiu na visão convencional uma variante II, reformista, que corresponderia à progressiva adoção de propostas políticas já formuladas nas últimas décadas, em parte consagradas na Rio-92. Além da possibilidade de uma desintegração institucional e econômica contida num cenário III, de colapso, o grupo incluiu na visão barbárica uma variante IV, autoritária, que permitiria tanto a proteção das elites em alguns enclaves

bem manejados, quanto o controle da massa de excluídos bem longe dessas fortalezas. Além da possibilidade V, de uma progressiva adoção do ideário verde mais radical, do tipo “*small is beautiful*”, qualificada de “ecocomunitária”, o grupo incluiu na visão das grandes transições uma variante VI na qual os mesmos objetivos seriam atingidos com intensa globalização. Estes dois últimos cenários, decorrentes da visão mais idealista, podem parecer excessivamente utópicos. Mas o grupo alerta que eles não são menos plausíveis que propostas de sustentabilidade que excluem profundas transformações sociais.

A principal conclusão desse exercício patrocinado pelo Stockholm Environment Institute elimina qualquer possibilidade de soluções separadas, uma para o núcleo formado pelos países mais desenvolvidos e outra para as nações periféricas e semi-periféricas. Só uma verdadeira solução global poderia garantir um futuro humano e sustentável, afirma o Global Scenario Group. E ela exigiria que a formulação das políticas públicas assumisse desde já as escalas da humanidade e da biosfera. Uma conclusão que pode ser facilmente tachada de romântica, principalmente numa conjuntura que parece apontar para os dois cenários da visão barbárica como os mais prováveis. Mas não se deve esquecer que também tendem a crescer os anseios de uma relação mais saudável com a natureza, as rejeições às extravagâncias consumistas, as ressurreições de laços comunitários e, sobretudo, as tentativas de encontrar mais sentido para a vida humana. Mesmo que esses valores ainda estejam muito dispersos e incipientes, eles poderão fazer emergir o cenário VI, de sustentabilidade em contexto de globalização.

A conclusão mais incisiva do estudo refere-se, contudo, ao cenário II, reformista, que supõe a firme adoção das propostas do famoso Relatório Bruntland. O consumo de energia oriunda de fontes não renováveis, por exemplo, cairia bastante a partir de 2025. Mesmo assim, a concentração de carbono na atmosfera continuaria a crescer ao longo do próximo século, atingindo níveis 25% superiores aos atuais. E foi esse tipo de resultado que levou o grupo a afirmar que uma estratégia apoiada no Relatório Bruntland pode até alcançar a sustentabilidade, mas numa situação na qual não valeria a pena viver (“*a sustainable world but not one that is worth living in*”).

Quem conhece o valor pedagógico da utilização da abordagem de cenários certamente tirará muito proveito do artigo publicado na edição de abril da revista *Environment*, na qual dois diretores do Stockholm Environment Institute, os cientistas Gilberto Gallopín e Paul Raskin, publicaram uma excelente síntese do relatório *Branch Points*.